**Questões:** Rogoff, B. (2003). Development as Transformation of Participation in Cultural Activities. In The cultural nature of human development. Oxford University Press. cap 2

**Comentário**

O texto mostra lindamente o efeito da colonização na pedagogia e porque é absolutamente necessária a adaptação de conceitos pedagógicos a culturas diferentes. Gostei muito de como o autor enfatiza a importância de se estudar o indivíduo dentro do nicho ecológico no qual ele vive.

**Questões:** Freire, P. (1996). Não há docência sem discência. In Pedagogia da Autonomia. Paz e Terra. cap1

**Comentário**

Richard Feynman quando veio ao Brasil comentou que a maioria dos alunos da Poli, onde ele deu algumas aulas, não compreendiam o conteúdo porque estavam acostumados a apenas memorizá-lo; os poucos que conseguiam absorver o que ele ensinava eram os que ignoravam os professores anteriores e estudavam de modo autônomo, utilizando-se dos livros.

Por causa disso, ficou na cabeça de muitos professores a ideia de que o aluno não precisa de professor, basta-lhe ler os livros e pronto. Eu tive um professor assim na graduação; na disciplina dele, pouquíssima gente conseguia passar, porque assim como Feynman ele só via quem memorizava e quem aprendia, não o POR QUE cada estratégia era tomada.

O texto do Freire é bom porque explica algo que muitos alunos sabem que não tem e precisam, porém, não sabem como pedir aos professores: é preciso que o professor exista para ensinar o aluno como se faz para abordar o conteúdo de forma que ele se torne compreensível. Isso é diferente de simplesmente jogar o livro na cabeça do aluno e mandar que ele se vire sozinho, e também diferente de martelar o conteúdo até que o aluno o memorize ao ponto de passar nas provas; para conseguir fazer o conteúdo se tornar compreensível para o aluno é necessário entender como o aluno pensa e a partir dali dar a ele o ferramental para que ele possa aprender a aprender de maneira eficiente; e fazer isso numa sala de aula com 40, 60 ou 150 alunos (que é o caso do primeiro ano de alguns cursos aqui mesmo na USP) é humanamente impossível – ao ponto em que a maioria dos professores sequer é esclarecida a esse respeito em sua formação pedagógica.

É por isso que no Brasil as experiências didáticas mais efetivas acontecem em escolas pequenas ou em cujas classes há mais de um professor por aula, e também é isso que explica o funil estreito entre os diferentes graus de instrução: à medida que o conteúdo escolar se torna mais complexo, o fardo da didática ruim acumulada nas experiências anteriores se torna mais pesado para o aluno. Isso causa o abandono escolar ou a escolha por cursos e instituições de ensino “mais fáceis de passar”, a não ser para a minoria de indivíduos abastados o suficiente para financiar uma educação de base menos diluída (ou que foca mais pesadamente na simples memorização do conteúdo) e para aqueles pouquíssimos indivíduos pobres que superam as falhas do ensino público para multidões de forma autônoma, fazendo sacrifícios de toda ordem que depois serão usados pela minoria abastada como desculpa “meritocrática” para manter o status quo.